

Problemas teóricos da Folkcomunicação: exposição de questões¹

Guilherme Moreira FERNANDES²

Resumo:

Este ensaio tem como objetivo lançar questões teóricas à cerca da teoria da Folkcomunicação, formulada por Luiz Beltrão em 1967, como tese de doutoramento defendida na UnB. Utilizamos como opção metodológica trabalhar com os conceitos expressos em obras publicadas como texto integral, mesmo ciente de que em artigos podemos encontrar outros importantes subsídios para esta crítica. Começamos a interpretação pelos dois livros basilares, lançados por Beltrão e, posteriormente a de seus discípulos diretos. Por fim, apresentamos a discussão apresentada por Isabel Amphilo (2010) e Iury Aragão (2017), em que ambos os autores agregaram importantes contribuições para a crítica folkcomunicacional.

Palavras-chave:

Crítica Teórica; Metodologia na Folkcomunicação; Teoria da Folkcomunicação;

Preâmbulo: aviso sobre o tema/questão e a opção metodológica

Este texto não é um artigo, trata-se de um ensaio. Ele tão pouco visa chegar a qualquer conclusão, nossa intenção é lançar questões. Questionamentos esses que ainda não temos certeza se responderemos em outras oportunidades, mas já trouxemos em reflexões desde 2008, portanto, há quase dez anos. Tudo começou com provocações geradas por uma palestra de Cristina Schmidt refletindo o campo da folkcomunicação no XI Folkcom, em Natal-RN. Tais indagações foram levadas novamente pela pesquisadora no XIV Folkcom, em Juiz de Fora-MG. Schmidt questionava que as pesquisas em Folkcomunicação valorizavam, sobretudo, o objeto empírico. Até aí, nenhum problema. O que se viu foi que os objetos eram apenas complementados por

¹ Trabalho apresentado no GT 1 (Teorias da Folkcomunicação: Fundamentos e Metodologia) da XVIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

² Doutorando em Comunicação e Cultura pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista Capes. Diretor Administrativo da Rede Folkcom. E-mail: gui_facom@hotmail.com

teorias, e não o contrário. Karl Popper (1980), em seu método hipotético-dedutivo, indica que as hipóteses devem ser refutadas, permitindo seu falseamento. Nas pesquisas em Folkcomunicação, muitas vezes percebemos o contrário, a busca pela confirmação, mesmo que para isso tenhamos que distorcer paradigmas epistemológicos. Schmidt, em sua fala, deixou claro que o pensamento epistemológico era uma grande carência da área.

Em reunião de associados da Rede Folkcom durante o Congresso Intercom de 2016, em São Paulo-SP, o assunto foi retomado. O que seria um projeto da Rede Folkcom para os anos vindouros. O projeto consiste em uma reunião de integrantes da associação com o objetivo de rediscutir a teoria beltraniana e pensar o seu alcance em face à multiplicidade de objetos. A metodologia pensada *a priori* foi a mesma do Seminário de Mídia Cidadã, organizado pela Cátedra Unesco/Metodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, ocorrido em 2005, no campus Rudge Ramos, cujo resultado fora lançado em livro em 2006³. Dividido em temáticas, a cada texto-base escrito por pesquisadores-referências, outros foram feitos em decorrências destes. Na reunião, todos os participantes tiveram acesso prévio aos textos e passaram para o debate, trazendo grandes contribuições para o tema.

Na Folkcomunicação, através de artigos publicados em reuniões de associações científicas, tivemos já alguns avanços. Antônio Hohlfeldt (2013), em texto originalmente apresentado no Intercom de Salvador-BA, 2002, trouxe um conceito de folkcomunicação que é amplamente usado e aceito, cujo maior ganho é justamente focar os trabalhos, ao dizer que a Folkcomunicação trata dos procedimentos comunicacionais. O que pode parecer óbvio, não é ao observarmos trabalhos apresentados nos GTs ligados a esta disciplina, que muitas vezes não superam a descrição sociológica ou antropológica de fenômenos folclóricos. Observações estas que não são novidades e já foram apontadas, entre outros, por Hohlfeldt (2006; 2013) e José Marques de Melo (2004).

Os estudiosos do folclore, inclusive, se reuniram em algumas oportunidades a fim de rediscutir o tema e o que se caracteriza como folclore nos dias de hoje, a exemplo da releitura da carta do folclore em 1996, como atestou Roberto Benjamin (2004).

³ Ver: MARQUES DE MELO; GOBBI; SATHLER (2006).

Em 2001, a Editora da PUC-RS (Edipucrs) publicou na íntegra a tese de Beltrão. Entre os elementos pré-textuais acrescidos à obra, chama a atenção a pergunta título do texto de Juremir Machado da Silva (2014) – “Ainda existe o popular?” Diversos questionamentos, que não vamos retomar, foram mencionados, na busca de um popular genuíno em contraponto ao popular-massivo. No popular-massivo, o pesquisador ainda incluiu fenômenos midiáticos observados à época da escrita do texto, como a (ex) dupla infanto-juvenil Sandy e Júnior.

Tal produto midiático (é) foi popular. Disso não há menor dúvida. Mas analisá-la sob a ótica da Folkcomunicação cabe um esforço que no momento não somos nem capazes de alcançar, visto que foge completamente da alçada de qualquer estudo empírico já feito⁴. O que jamais quer dizer que o popular-massivo não seja um grande objeto da Folkcomunicação. 2017 marca exatos 50 anos da publicação da tese de Beltrão. 50 anos da “palavra” Folkcomunicação. Passemos agora para alguns problemas.

Textos integrais, quantos são que refletem à teoria?

Cristina Gobbi (2004) fez um importante trabalho de resgate da bibliografia da folkcomunicação. Este trabalho foi posteriormente ampliado, em Gobbi et al⁵ (2013), num esforço de catalogar o que se pode chamar de Bibliografia da Folkcomunicação. A leitura dos títulos elencados já gera uma questão. Basta analisar a cultura popular ou o folclore, pelo viés da comunicação, para chamar de folkcomunicação? Esta questão, inclusive, gerou certa celeuma no campo. Hohlfeldt (2013) a provocou em dois sentidos. No primeiro, disse que as pesquisas em Folkcomunicação se aproximam dos Estudos Culturais. Depois listou obras de pesquisadores gaúchos dizendo que se tratam de referências folkcomunicacionais. Tal fato chamou a atenção de pesquisadoras listadas que prontamente escreveram um artigo afirmando que suas obras não são da abrangência da Folkcomunicação (JACKS; ESCOSTEGUY, 2003). Por ora não vamos

⁴ Aqui cabe uma ressalva. Trigueiro (2008) analisa como os cortes de cabelo de celebridades são transpostos em salões de beleza para o público que o deseja. O mesmo podemos dizer sobre roupas e acessórios, que por vezes modificam o cenário de determinada região.

⁵ Esse levantamento foi feito por Cristina Gobbi, Guilherme Fernandes, Iury Aragão e Júnia Martins e está também disponível no site oficial da Rede Folkcom: <http://www.redefolkcom.org>.

entrar neste mérito, até porque já tivemos inúmeras outras possibilidades de discuti-las⁶. Apenas na parte de livros, Gobbi et al (2013) citam 93, o que é um número bastante expressivo. A atualização dessa lista, se for retomada hoje, certamente vai passar dos cem títulos. Mas, especificamente, quantas obras, em textos integrais⁷, refletem especificamente a Teoria da Folkcomunicação⁸?

Em primeiro lugar aparecem dois textos de Beltrão⁹, sua tese de doutorado e o outro livro publicado em 1980 e fora de circulação. Não vamos analisar detidamente essas obras, pois esse trabalho já foi feito, inclusive por nós¹⁰. De acordo com Marques de Melo (1970) a tese de Beltrão (2014) é marcada por um duplo reducionismo, o primeiro é de refletir especificamente o jornalismo e o segundo o trazer apenas o Nordeste como campo empírico. Na obra seguinte, Beltrão (1980) amplia o universo da Folkcomunicação, com a caracterização de grupos marginalizados. Inicialmente Beltrão traz as concepções de Park (1928), representante da Escola de Chicago, para definir que os grupos marginalizados são aqueles que estão à margem da sociedade e rebebe influência de culturas hegemônicas e de sua própria cultura, o que pode gerar até mesmo a aculturação. Nas páginas seguintes, o teórico cita os três grandes grupos marginalizados: urbanos, rurais e culturais. Da década de 1970, quando o texto foi pensado, até os nossos dias, percebemos que em todos esses três grupos há diversas modificações substanciais na formação desses grupos, mas acreditamos que ainda é possível utilizar essas mesmas denominações, sem maiores prejuízos.

Fora os dois textos de Beltrão, não há, ainda, outro livro, escrito originalmente com o texto integral, que busque refletir em nível teórico/epistemológico a Folkcomunicação; mas podemos listar três importantes contribuições. A primeira dela advém de Roberto Benjamin (2000). Possivelmente influenciado pela Conferência Folkcom, a primeira, em 1998, Benjamin fez uma revisão do pensamento beltraniano para posteriormente pensar a “nova abrangência da Folkcomunicação”. Na conferência seguinte, em 1999, expôs ao público os tópicos desta nova abrangência. Para o livro

⁶ Ver: FERNANDES (2011a; 2011b) e FERNANDES, MARTINS, PINHEIRO (2016).

⁷ Chamamos de texto integral as obras escritas no sentido completo. Não incluímos coletâneas e nem antologia, mesmo quando realizadas por um único autor.

⁸ Evidentemente, há uma série de livros de fundamental importância para a folkcomunicação, mas que não necessariamente questiona ou apresenta novos elementos à Teoria da Folkcomunicação, se caracterizando por reflexões empíricas, as quais não discordamos do mérito.

⁹ Não estamos considerando o livro *Comunicação e Folclore*, por ele ser uma versão resumida (na primeira parte) da tese de Beltrão.

¹⁰ Ver FERNANDES (2012), ARAGÃO (2012) E SCHMIDT (2012).

lançado no ano seguinte, o pesquisador reuniu textos escritos em diferentes épocas com o objetivo de melhor ilustrar cada um dos seis tópicos que compõem a abrangência da folkcomunicação. Para chegar a essas conclusões, o pesquisador primeiro se valeu de observações empíricas para depois montar o quadro de como as pesquisas em Folkcomunicação têm se desenvolvido. Além do termo “nova abrangência da Folkcomunicação”, o livro também trouxe outro conceito por Benjamin formulado, trata-se de “folk-media” ou “folkmídia”. O conceito já vinha sido trabalhado pelo pesquisador em obra anterior (1996), cuja circulação foi bastante restrita. No âmbito da Folkcomunicação, a folkmídia também foi desenvolvida por Joseph Luyten (2006), porém com uma dimensão conceitual diferente à proposta por Benjamin. Se para Benjamin a folkmídia são os canais folkcomunicacionais; para Luyten, configura-se como a inserção de elementos da cultura popular na mídia massiva e sua respectiva retroalimentação na cultura popular. O primeiro conflito foi apresentado por Luyten ainda em 2000, em resenha publicada na revista *Comunicação & Sociedade*. Posteriormente, o conceito virou uma linha de pesquisa no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo, permanecendo até o seu falecimento em 2005.

Outra obra importante, resultado de compilações escritas ao longo de mais 45 anos de pesquisa, é a de Marques de Melo¹¹ (2008), *Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia da Folkcomunicação*. A obra de Marques resgata desde os primórdios da pesquisa de Beltrão até as pesquisas mais atuais, descrevendo processos metodológicos empregados nas pesquisas em rede, como as sobre o Natal e sobre o Carnaval, ambas realizadas no âmbito da Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional. Talvez a maior contribuição seja a classificação taxionômica da folkcomunicação, questão já pensada pelo pesquisador desde 1979, cuja proposta foi apresentada e debatida na Conferência Brasileira de Folkcomunicação de 2005¹², para ganhar, mais à frente, a divisão que se encontra no referente livro: Folkcomunicação Oral, Visual, Cinética e Icônica. O pesquisador adverte que os gêneros, formatos e tipos descritos não estão fechados e que devem ser constantemente atualizados. Marques de Melo ainda faz a defesa de que a Folkcomunicação está inscrita no paradigma funcionalista, discussão que ainda vamos fazer.

¹¹ Tanto na obra de Marques de Melo (2008), como na de Benjamin (2000), há textos que foram atualizados e outros que foram escritos especialmente para a obra.

¹² Ver MARQUES DE MELO (1979; 2006).

Temos ainda a obra de Osvaldo Trigueiro (2008), também resultado de uma compilação, que ainda incluiu sua pesquisa de doutoramento. O livro propõe avançar teoricamente ao apresentar o conceito de “ativista midiático” em substituição ao “líder de opinião”, termo originalmente usado por Lazarsfeld (1964) e reconceituado por Beltrão (2014). Ao apresentar o conceito, Trigueiro utiliza uma série de autores culturalistas, o que nos deixa entender que há uma passagem do funcionalismo para o culturalismo. Contudo, na segunda parte do livro, ao apresentar evidências empíricas, a pesquisa de Trigueiro tem preocupações funcionalistas, assunto que também retomaremos.

Até o momento, citamos cinco obras. Mesmo cientes que as diversas coletâneas também contribuem para o avanço teórico, ressaltamos a força dos textos integrais, escritos especificamente com este objetivo. Há tantas outras obras que refletem a folkcomunicação como teoria, mas sua principal missão é a apresentação e estudo de um objeto empírico, mas em alguns casos há contribuições significativas para o avanço teórico. Um exemplo é o estudo apresentado por Severino Lucena Filho (2007). Resultado de sua tese de doutoramento, o livro começa definindo a Teoria da Folkcomunicação, ancorando-a no funcionalismo. Posteriormente, o autor traz o conceito de “folkmarketing”, amplamente aceito pelos pares e utilizado como base teórica de diversas pesquisas. O folkmarketing foi estudado à luz da análise de discurso de linha francesa e analisou as peças utilizadas como decoração do “maior São João do Mundo”, realizado em Campina Grande-PB.

Outros exemplos podem ser listados, não exatamente por uma contribuição teórica, mas sim metodológica, como é o caso da obra de Iury Aragão (2015), resultado da sua dissertação de mestrado. O livro apresenta em anexo um protocolo metodológico, bem minucioso, envolvendo diversas técnicas de pesquisas, com o objetivo de destrinchar como os jornais construíram um “santo popular”. No capítulo teórico, há exposição da Teoria da Folkcomunicação e de outros aportes teóricos. Na mesma linha, o trabalho de Wolfgang Teske (2010) também apresenta um importante protocolo metodológico que traz avanços para as pesquisas. A Teoria da Folkcomunicação é evocada e muito bem explicada. É um trabalho referência para os estudos de festas populares.

Questionamentos teóricos: pesquisas

Diversos autores já fizeram questionamentos teóricos da Folkcomunicação, como expomos no preâmbulo deste texto. Mas poucos o fizeram em formas de textos integrais, as contribuições estão dispersas em coletâneas e anais de eventos científicos. Se podemos falar em carência da área, muitos pesquisadores referências ainda não produziram obras, com formato de texto integral, refletindo a Folkcomunicação, seu limite e seu alcance, em nível epistemológico, teórico ou metodológico.

Dos livros que tivemos acesso, a não ser os listados nos tópicos anteriores, nenhum desenvolve esse tipo de questionamento. Contudo, encontramos duas teses de doutoramento, defendidas no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo. Teses estas cujo objeto empírico é a própria reflexão teórica. Questionamentos oportunos que devem ser debatidos, só assim o texto ganha sentido enquanto produto científico.

A primeira tese é de autoria de Isabel Amphilo (2010) e contou com orientação de José Marques de Melo. Dividida em três partes, Amphilo fez um trabalho de bastante fôlego. Interessa-nos aqui especificamente os questionamentos epistemológicos apresentados na primeira parte, dividida em três capítulos: matrizes epistemológicas; matrizes sociológica e antropológica; e matrizes comunicacionais.

A primeira questão levantada por Amphilo, que já havia sido documentada por Castelo Branco (2006), é que a Folkcomunicação nasce do olhar jornalístico de Beltrão. É a percepção de repórter, que o levou a perceber os ex-votos como veículo jornalístico e que mais tarde o levou a formular a teoria. Do particular para o geral, ou seja, um método indutivo. A primeira parte da tese de Beltrão (2014), como reflete Amphilo (2010), está ancorada nas pesquisas norte-americanas de cunho funcionalista. Contudo, a pesquisadora chama a atenção que Beltrão se valeu de categorias marxistas e especialmente do método histórico-dialético – mesmo sem fazer qualquer menção a ele ou aos seus autores – para elaborar os dois primeiros capítulos da segunda parte da tese, em que o autor analisa as evidências folkcomunicacionais no Brasil pré-cabralino e no Brasil colonial.

Porém, o desenvolvimento de suas pesquisas refletem uma contradição ideológica ao integrar na base de sua investigação, de cunho funcionalista/difusionista, categorias marxistas, como superestrutura, marginalizados, alienados entre outras, e o entusiasmo de Beltrão ao assimilar o processo de “recomposição folclórica” do sociólogo Edison Carneiro, de linha neomarxista, que aborda a dinâmica social sob o

prisma da dialética. Com o objetivo de vencer a “incomunicação” e compreender as mensagens codificadas e complexas, das “tribunas” populares, Beltrão cria um “desvio ideológico” em sua pesquisa, gerando uma certa confusão de ordem epistemológica, de linha investigativa para o pesquisador. Em sua tese de doutorado, ele realizou uma pesquisa bibliográfica e documental, sobre a comunicação, no Brasil colonial, porém, a partir do materialismo histórico e dialético. (AMPHILO, 2010, p. 73-74).

Concordamos com as observações de Amphilo e, apesar de Beltrão (2004) ter afirmado que a folkcomunicação não é uma comunicação classista, há sim o uso do método histórico-dialético em suas pesquisas. Apesar de já termos escrito sobre isso em outra oportunidade (FERNANDES; PINHEIRO; MARTINS, 2016), o uso de método histórico-dialético não significa necessariamente partir dos pressupostos de lutas classistas e de outras ideias marxistas, mas sim o fato de entender que o ser humano é fruto de um processo histórico, cujas categorias de “tempo” e “lugar” são essenciais para o seu entendimento.

Antes de Amphilo, Marques de Melo (1980, p. VIII), de forma tímida, realizou crítica similar ao apontar certa “nebulosidade teórica” e “vacilação ontológica” na reformulação da teoria da Folkcomunicação expressa em Beltrão (1980), quando há uma ampliação do público ao qual a teoria se aplica. As reflexões de Amphilo prosseguem, mas a pesquisadora não foi propositiva, ou seja, também não lançou respostas aos problemas apontados, mas os refletiu com maestria. E, como legado, propôs uma discussão que temos que enfrentá-la, só assim poderemos falar em avanços.

Outra tese de doutoramento que também reflete com maestria a gênese da teoria da Folkcomunicação, no período de 1959 a 1967, data em que Beltrão realizou seu estudo, foi realizada por Iury Aragão (2017), defendida no PPGCOM da Metodista sob a orientação de Magali Cunha. A tese de Aragão procura investigar a folkcomunicação por meio da teoria social funcionalista; do desenvolvimentismo; e da pesquisa folclórica de Carneiro. O que mais chama a atenção na obra é a preocupação efetiva de mergulhar no funcionalismo. Justamente pelas reflexões anteriores não terem sido elaboradas na condição de texto integral, toda a questão teórico/epistêmica a cerca do funcionalismo são apresentadas *en passant*, cujo foco principal é o conceito de “líder de opinião”. Aragão, ao contrário, foi profundo e estudou os “verdadeiros” teóricos desta vertente, como Durkheim, Malinowski e Merton. Ao confrontar as características funcionalistas com a tese de Beltrão, o estudioso é categórico: “ao encontrarmos características importantes recorrentes em autores funcionalistas e as compararmos com a tese de

Beltrão, percebemos que elas não se fazem presentes no trabalho do brasileiro” (ARAGÃO, 2017, p. 77).

Na sequência, Aragão destrincha as opções metodológicas seguidas por Beltrão, ainda que não delineada e explicitada por ele, como o uso de pesquisa histórica, pesquisa de campo, bibliográfica, documental, etc. Técnicas estas de pesquisa que podem ou não ser relacionadas a diversos modelos teóricos, entre eles o funcionalismo.

Capítulo seguinte, o autor aborda o desenvolvimentismo na América Latina, com aportes dos estudos do Ciespal e também a influência norte-americana do Mass Communication Research (MCR), a qual Lazarsfeld se filia. O autor deixa claro que embora a MCR e o Funcionalismo tenha matrizes positivista, o mesmo não pode ser tratado como sinônimo como por vezes é apresentados em manuais de teoria da comunicação. Para o autor, a Folkcomunicação se veicula tanto aos propósitos da MCR como do desenvolvimentismo latino-americano defendido pelo Ciespal. Mas não é somente isso – o que daria a entender ao ler apenas a parte 1 da tese de Beltrão. Assim como percebeu Amphilo (2010), a parte empírica da tese de Beltrão foge do que o autor delineia na parte teórico-metodológica. Ao buscar entender essas questões, Aragão (2017) vai além da veiculação com o materialismo histórico/dialético e encontra respostas na dinâmica do folclore de Edison Carneiro (1965). É exatamente a visão do pesquisador neomarxista que Beltrão encontrou seus subsídios, por isso Aragão traz como hipótese que a folkcomunicação se veicula às propostas de pesquisa folclórica de Carneiro.

Encontramos fortes marcas de Edison Carneiro da tese de LB, em especial por meio da ideia de “dinâmica do folclore”. Embora o pernambucano tenha negado influência marxista em seu estudo, pudemos ver, pelas referências em Carneiro, que algumas dessas, mesmo que talvez utilizadas despreziosamente, lá estão. (ARAGÃO, 2017, p. 224).

O autor deixa claro que sua apreciação da tese não é definitiva. Mas, assim como Beltrão, ele “abriu picadas”. Analisar a teoria da Folkcomunicação hoje, e seu desenvolvimento teórico, é necessário recorrer ao trabalho de Aragão.

Considerações Finais

Em outra oportunidade (FERNANDES, PINHEIRO, MARTINS, 2016) afirmamos que é possível utilizar a teoria da Folkcomunicação em diversas perspectivas teórico-metodológico, seja o funcionalismo, o materialismo, culturalismo, etc. Ainda não temos razão para não acreditarmos mais nessa hipótese, mesmo que para isso seja necessário desvincular a pesquisa realizada por Beltrão das perspectivas que utilizamos hoje para trabalhar a Folkcomunicação. A ciência é viva, e assim como Carneiro afirmou sobre o Folclore, ela também é dinâmica.

Não somos a favor de deixar tudo em “caixinhas” fechadas, com limites e alcances bem rígidos. A nova dinâmica social em que a comunicação se faz presente deve ser levada em consideração, o que não quer dizer que obras e autores produzidos em outros contextos históricos não tenha seu valor e sua atualidade.

As contribuições de Amphilo (2010) e de Aragão (2017) são essenciais para avançarmos teoricamente. Faço votos que ambos os trabalhos ganhem versões em livros (com ampla circulação) e que sejam lidos e debatidos.

Como expresso no preâmbulo, nosso objetivo foi o de lançar mais questões que respostas. Mas acredito que conseguimos delinear um possível caminho. E que avancemos!

Referências:

AMPHILO, Maria Isabel. **A gênese, o desenvolvimento e a difusão da Folkcomunicação**. 2010. 733f. Tese de doutorado (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2010.

ARAGÃO, Iury P. Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressões de ideias. In: MARQUES DE MELO, José (org.). **Fortuna Crítica de Luiz Beltrão**: Dicionário Bibliográfico. São Paulo: Intercom, 2012. p. 77-85.

_____. **A construção de um santo popular**: caso motorista Gragório. Teresina: Edupi, 2015.

_____. **Elos teórico-metodológicos da Folkcomunicação**: retorno às origens (1959-1967). 2017. 251f. Tese de doutorado (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2017.

BELTRÃO, Luiz. **Comunicação e Folclore**. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

_____. **Folkcomunicação:** a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

_____. A Fokcomunicação não é uma comunicação classista. In:_____. **Folkcomunicação:** teoria e metodologia. São Bernardo do Campo: Umesp, 2004. p. 103-116.

_____. **Folkcomunicação:** um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressões de ideias. 2ª ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2014.

BENJAMIN, Roberto. **A fala e o gesto:** ensaios de folkcomunicação sobre narrativas populares. Recife: Imprensa Universitária, 1996.

_____. **Folkcomunicação no contexto de massa.** João Pessoa: UFPB, 2000.

_____. **Folkcomunicação na sociedade contemporânea.** Porto Alegre: Com. Gaúcha de Folclore, 2004.

CARNEIRO, Edison. **Dinâmica do Folclore.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

CASTELO BRANCO, Samantha. Metodologia folkcomunicacional: teoria e prática. In: DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2006. p. 110-124.

FERNANDES, Guilherme M. Aproximações teóricas entre a Folkcomunicação e os Estudos Culturais. **Revista Internacional de Folkcomunicação.** Ponta Grossa, UEPG, Vol. 1, nº 18, 2011a. Disponível em: <http://www.revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/1454/1031>. Acesso em 15 abr 2017.

_____. As aproximações folkcomunicação com os Estudos Culturais Latino-americanos: interfaces do pensamento de Luiz Beltrão com Martín-Barbero, García Canclini e Beatriz Sarlo. In: CONGRESSO MUNDIAL DE COMUNICAÇÃO IBERO-AMERICANA, CONFIBERCOM, I. **Anais...** São Paulo: USP, 2011b. Disponível em: <http://www.confibercom.org/anais2011/>. Acesso em 05 jul 2013.

_____. Comunicação e Folclore. In: MARQUES DE MELO, José (org.). **Fortuna Crítica de Luiz Beltrão:** Dicionário Bibliográfico. São Paulo: Intercom, 2012. p. 43-52.

_____.; PINHEIRO, Júnior; MARTINS, Júnia. Reflexiones metodológicas en la investigación en Folkcomunicación. In: YÁÑEZ AGUILAR, Cristian et al. (Eds.). **Folkcomunicación en América Latina:** diálogos entre Chile y Brasil. Temuco, Chile: Universidad de la Frontera, 2016. p. 129-139.

GOBBI, Maria Cristina. Bibliografia da Folkcomunicação. In: BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: teoria e metodologia**. São Bernardo do Campo: Umesp, 2004. p. 143-160.

_____. et al. Bibliografia da Folkcomunicação. In: MARQUES DE MELO, José; FERNANDES, Guilherme M. **Metamorfose da Folkcomunicação: antologia brasileira**. São Paulo: Editae Cultural, 2013. p. 1039-1071.

HOHLFELDT, Antonio. Folkcomunicação: positivo oportunismo de quase meio século. In: SCHMIDT, Cristina (org.). **Folkcomunicação na arena global: avanços teóricos e metodológicos**. São Paulo: Ductor, 2006. p. 62-72.

_____. Novas tendências nas pesquisas da Folkcomunicação: Pesquisas acadêmicas se aproximam dos Estudos Culturais. In: MARQUES DE MELO, José; FERNANDES, Guilherme M. **Metamorfose da Folkcomunicação: antologia brasileira**. São Paulo: Editae Cultural, 2013. p. 876-883.

JACKS, Nilda; ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Objeções à associação entre Estudos Culturais e Folkcomunicação. **Verso e Reverso**. São Leopoldo, Unisinos, ano XVII, nº 37, 2003. Disponível em:
<http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/7332>. Acesso em 15 abr. 2017.

LAZARSELD, Paul. Os meios de comunicação coletiva e a influência pessoal. In: SCHRAMM, Wilbur (org.). **Panorama da comunicação coletiva**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964. p. 87-96.

LUCENA FILHO, Severino A. **A festa junina em Campina Grande-PB: uma estratégia de folkmarketing**. João Pessoa: UFPB, 2007.

LUYTEN, Joseph. Folkcomunicação no contexto de massa (resenha). **Comunicação & Sociedade: revista do programa de Pós-graduação em Comunicação da Umesp**, São Bernardo do Campo, nº 34, p. 211-215.

_____. Folkmídia: uma nova visão de folclore e folkcomunicação. In: SCHMIDT, Cristina (org.). **Folkcomunicação na arena global: avanços teóricos e metodológicos**. São Paulo: Ductor, 2006. p. 39-49.

MARQUES DE MELO, José. Folkcomunicação. In: _____ (org.). **Folkcomunicação**. São Paulo: ECA-USP, 1970.

_____. Sistemas de Comunicação no Brasil. In: _____; FADUL, Anamaria; LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. **Ideologia e poder no ensino de comunicação**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979. p. 211-239.

_____. Prefácio. In: BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980. p. VII-XI.



_____. Prefácio. In: BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: teoria e metodologia**. São Bernardo do Campo: Umesp, 2004. p. 9-10.

_____. Gêneros e formatos folkcomunicacionais: aproximação taxionômica. In: _____; GOBBI, Maria Cristina; DOURADO, Jacqueline. **Folkcom – do ex-voto à indústria de milagres: a comunicação dos pagadores de promessas**. Teresina: Halley, 2006. p. 140-151.

_____. GOBBI, Maria Cristina; SATHLER, Luciano. (orgs.). **Mídia Cidadã: utopia brasileira**. São Bernardo do Campo: Umesp, 2006.

_____. **Mídia e Cultura Popular: história, taxionomia e metodologia da Folkcomunicação**. São Paulo: Paulus, 2008.

PARK, Robert. Human Migration and the Marginal Man. *American Journal of Sociology*. Vol. 33, No. 6, May, 1928; pp. 881-893.

POPPER, Karl. **Conjecturas e Refutações**. Brasília: UnB, 1980.

SCHMIDT, Cristina. Cartografia da Folkcomunicação, 1998-2008, Fontes Impressas – Livros e fascículos. Palestra Proferida na XI Conferência Brasileira de Folkcomunicação, Natal, Rio Grande do Norte, UFRN, 02/set/2008.

_____. Participação na Mesa “A Relevância dos Estudos de Folkcomunicação para o século XXI: Perspectivas contemporâneas para os Estudos de Folkcomunicação”. Palestra Proferida na XIV Conferência Brasileira de Folkcomunicação, Juiz de Fora, Minas Gerais, UFJF/Estácio de Sá, 05/maio/2011.

_____. Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados. In: MARQUES DE MELO, José (org.). **Fortuna Crítica de Luiz Beltrão: Dicionário Bibliográfico**. São Paulo: Intercom, 2012. p. 85-97.

SILVA, Juremir Machado da. Ainda existe o popular? In: BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressões de ideias**. 2ª ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2014. p. 21-28.

TESKE, Wolfgang. **Cultura Quilombola na Lagoa da Pedra Arraiais-TO**. Brasília: Senado Federal, 2010.

TRIGUEIRO, Osvaldo. **Folkcomunicação & Ativismo Midiático**. João Pessoa: UFPB, 2008.